

**NOVOS MODELOS CURRICULARES
PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA:
resenha do livro “*Instructional Models
for Physical Education – 3ª Edição*”**

Luiz Gustavo Bonatto Rufino¹
Samuel de Souza Neto²

RESUMO

Esta resenha tem como objetivos apresentar e analisar a 3ª edição do livro “*Instructional Models for Physical Education*”, para a literatura acadêmica brasileira na área da Educação Física. O texto analisado traz como contribuição apresentar os modelos de instrução que têm sido amplamente divulgados no âmbito da pesquisa e da intervenção internacional, podendo oferecer perspectivas para o contexto nacional.

Palavras-chave: Educação Física e Treinamento; Modelos Educacionais; Currículo; Comentário; Ensino

1 Doutorando em Ciências da Motricidade. Unesp, Rio Claro/São Paulo, Brasil. E-mail: gurufino@rc.unesp.br

2 Pós-doutorado pela Université de Montréal. Professor na Unesp, Rio Claro/São Paulo, Brasil.
E-mail: samuelsn@rc.unesp.br

INTRODUÇÃO

As análises sobre currículo, historicamente, têm se destacado como uma das ações mais fundamentais para o desenvolvimento da prática pedagógica da Educação Física no Brasil. São exemplos de discussões nesse sentido a busca de definições claras dos conteúdos de ensino, os objetivos dessa disciplina na escola, as metodologias a serem utilizadas e as formas de avaliação, orientações sobre a organização dos conteúdos no espaço e no tempo curricular, entre outras.

No entanto, tais discussões não são uma exclusividade da Educação Física brasileira. No contexto internacional destacam-se diversas análises e proposições as quais compreendem definições claras dos propósitos, objetivos e conteúdos da Educação Física no currículo escolar (KIRK, 2010). Estas proposições, em suma, buscam desenvolver formas inovadoras de compreender a Educação Física como um componente curricular efetivo nos mais diversos níveis de escolarização, referendando sua importância e pertinência e consolidando-a como um dos alicerces nos quais o processo educativo escolarizado deve estar envolvido.

É dentro desse contexto que o livro *"Instructional Models for Physical Education"* – 3ª edição, de Michael Metzler (2011), publicado inicialmente no ano 2000, apresenta de modo analítico e positivo alguns dos principais pressupostos sobre o que a literatura internacional tem denominado de *"model based practice"*, ou "prática baseada em modelos". O livro ainda

não apresenta tradução/adaptação para a língua portuguesa. Dessa forma, em uma tradução livre, seu título seria: *"Modelos de Instrução para a Educação Física"*.

Vale destacar que essa é a terceira edição do livro, porém, em termos de conteúdos apresentados há poucas diferenças em comparação às outras duas edições anteriores. Esta edição mais atual apresenta uma nova diagramação do material, com a inserção de imagens e um *layout* diferente, comparado aos anteriores. Contudo, os conteúdos apresentados são os mesmos, com pequenas revisões apresentadas pelo autor. A grande novidade dessa terceira edição é que ela apresenta uma articulação com um website via internet na qual o autor apresenta um complemento de informações, bem como explicações de cada um dos modelos, sua inserção em cada nível de ensino e uma possibilidade dos professores que utilizarem os modelos de instrução em suas práticas profissionais poderem postar e democratizar as experiências com os demais interessados no assunto³.

Dessa forma, a presente resenha tem como objetivo apresentar e analisar o livro *"Instructional Models for Physical Education"* – 3ª edição, tendo como perspectiva conhecer e explorar alguns dos modelos de instrução que têm sido amplamente divulgados no âmbito da pesquisa e da intervenção internacional, bem como compreender as possíveis implicações de tais proposições ao contexto nacional. Assim as análises se concentraram em cinco tópicos, a saber: organização do livro; significados dos modelos de instrução; fundamentos das

3 O link para o endereço eletrônico referente à complementação das atividades do livro *"Instructional Models for Physical Education – Third edition"* pode ser conferido em: <http://www.hhpcommunities.com/metzler/>

instruções baseadas em modelos; os modelos de instrução: propostas para a prática pedagógica; considerações finais.

Organização do livro

O livro foi organizado em duas partes. A primeira apresenta um caráter histórico e de fundamentação, ilustrando os principais pressupostos dos modelos de instrução na Educação Física. Para isso, inicialmente busca aliar os padrões vigentes de instrução e currículo com as instruções baseadas em modelos. Posteriormente, o autor busca descrever os tradicionais modelos de instrução na Educação Física a partir de um resgate histórico acerca das principais formas de se conceber os processos de ensino e aprendizagem neste componente curricular nos 12 anos de escolarização (denominados pelo autor de *P-12*). Nesse sentido, é tomado como referência as diretrizes da *National Association for Sport and Physical Education (NASPE)*, uma associação norte-americana que procura estabelecer metas e padronizações de programas de Educação Física escolar para todas as séries, bem como apresentar estratégias de instrução para se atingir os objetivos pretendidos.

Na primeira parte, o livro destaca as áreas de conhecimento para as instruções baseadas em modelos, bem como referenda algumas estratégias para o ensino, nas quais são analisadas a apresentação de tarefas, a estrutura e o engajamento nas tarefas, seleção de atividades de aprendizagem, progressão de tarefas, entre outras. Finalmente, a primeira parte tece uma análise sobre a efetividade das habilidades de ensino das instruções baseadas em modelos além de

apresentar um plano de organização para os modelos de instrução.

Na segunda parte da obra, por sua vez, são apresentadas propostas de oito modelos de instrução, os quais têm se mostrado eficientes para o ensino da Educação Física, por meio de uma explicação pormenorizada de cada um, bem como suas implicações nas unidades didáticas e planos de ensino (instrução diretiva, sistema de instrução personalizada, aprendizagem cooperativa, educação esportiva, co-educação, aprendizagem por meio de problemas, aprendizagem tática dos jogos e ensinando responsabilidade pessoal e social). Dessa forma, as explicações conceituais vistas na primeira parte do livro são colocadas em práticas de forma didática, permitindo compreender como utilizar cada modelo ao longo da prática pedagógica.

Significados dos modelos de instrução

A organização do currículo da Educação Física tem sido historicamente relacionada ao ensino dos conteúdos específicos que são vinculados a diferentes matrizes teóricas. No entanto, muitas vezes essas matrizes são ensinadas sem muita clareza em como desenvolver sua organização curricular, objetivos de aprendizagem, formas de avaliação, entre outras questões centrais para a efetivação do processo de ensino e de aprendizagem. Assim, com a necessidade de se criar formas alternativas de se compreender o ensino na Educação Física começaram a emergir, a partir da década de 1980, propostas de reformas curriculares. É nesse cenário que os modelos de instrução começaram a ser elaborados e, desde então, têm sido desenvolvidos

nos mais diversos contextos de atuação e intervenção da prática pedagógica deste componente curricular ao redor do mundo.

Em linhas gerais, modelos de instrução podem ser entendidos como um plano coerente e compreensivo para os professores desenvolverem durante a prática pedagógica. Esses modelos são compreendidos como uma forma de organizar os elementos interdependentes do currículo, da aprendizagem e do ensino, tendo como objetivo atingir resultados de aprendizagem (HASTIE; CASEY, 2014). Para Metzler (2011) eles funcionam como o planejamento da planta de uma casa, que oferece todas as condições necessárias para que o imóvel possa ser estruturado, mas que também permite certas alterações e adaptações provenientes da interação com o contexto. Para isso, de acordo com o autor, os modelos baseiam-se em quatro domínios predominantes: psicomotor, cognitivo, afetivo e social.

De acordo com Metzler (2011) a definição de modelos de instrução inclui três aspectos fundamentais: 1) o referencial teórico, uma vez que cada modelo se baseia em teorias bem delimitadas, proporcionando compreensões filosóficas e racionais para seu uso, oferecendo exemplos concretos das condições mais efetivas em que devem ser utilizados; 2) as características de ensino e de aprendizagem, de modo que cada modelo apresenta especificidades próprias, incluindo um conjunto de planos, decisões, formas de desenvolvimento, atividades de aprendizagem e avaliação, além de descrições acerca dos papéis e responsabilidades tanto do professor quanto dos alunos; 3) as necessidades de implementação, pois todos os modelos apresentam planos de ação de forma que, se devidamente empregados, buscam atingir metas bem delimitadas,

sendo necessário ao professor compreender o contexto de atuação no qual o modelo será implementado, tais como as características dos alunos, os equipamentos e recursos materiais disponíveis, o tempo destinado, entre outros.

Nessa perspectiva, o modelo de instrução é baseado em resultados que podem ser mensurados através do tempo, fundamentados na relação e nos papéis desempenhados por professores e alunos durante as intervenções práticas. Para isso, diversas estratégias podem ser utilizadas, de modo que um mesmo modelo deve acompanhar a prática pedagógica por um período de tempo que seja suficiente para que os resultados possam ser significativos. Contudo, para se atingir diferentes objetivos pedagógicos é fundamental que os programas de instrução variem os modelos, possibilitando o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem na Educação Física.

Fundamentos das instruções baseadas em modelos

Assim, a grande problematização apresentada por Metzler (2011) na primeira parte do livro se refere a como a área da Educação Física tem compreendido os processos de ensino e de aprendizagem ao longo do currículo escolar. Para o autor, o eixo organizador do currículo tem sido os conteúdos tradicionais – esporte, jogo, ginástica, etc. A implicação dessa perspectiva é que, na prática, os conteúdos costumam ser ensinados da mesma forma, independentemente da idade dos alunos, realidades ou contextos de atuação profissional.

De acordo com Metzler (2011) a Educação Física tem como especificidade

uma gama de conteúdos amplos e diversificados, o que se apresenta como um desafio complexo para os professores ao longo da prática pedagógica. Essa complexidade da área sugere a necessidade de múltiplos modelos de prática, de modo que tais arquétipos devam se tornar o centro organizador do currículo.

Ao apresentar um plano abrangente e coerente para o ensino, incluindo fundamentação teórica, indicação de resultados de aprendizagem pretendidos, conhecimentos necessários tanto ao professor quanto à instrução, atividades de aprendizagem em sequência e adequadas ao nível de desenvolvimento dos alunos, expectativas de comportamentos para o professor e para os alunos e estruturas de tarefas e formas de avaliação dos objetivos propostos é possível transformar a prática tradicional da Educação Física para a prática baseada em modelos (METZLER, 2011). Em suma, delimitam-se planos melhores estruturados para os professores seguirem, a fim de levar os alunos à aprendizagem. Os modelos de instrução podem ser compreendidos como “metacurrículos”, à medida que eles são usados para responder à certas demandas particulares, estabelecendo critérios em que programas específicos de ensino e aprendizagem podem ser criados. Ao identificar os principais resultados de aprendizagem é possível alinhar os conteúdos e as estratégias de ensino para se alcançá-los, sendo esse um dos maiores avanços preconizado por Metzler (2011).

Para Metzler (2011), historicamente, a prática pedagógica na Educação Física foi baseada em apenas um modelo de ordem diretiva: o professor dá uma instrução na qual os alunos devem seguir irrestritamente. Somente com o advento das concepções

de Muska Mosston (1966) em seu espectro dos estilos de ensino foi que houve algumas alterações no que corresponde à forma na qual os professores poderiam ensinar, introduzindo formas mais participativas e interativas na relação professor e alunos. Apesar disso, para o autor, constata-se ainda certa dificuldade na implementação destas estratégias no ensino da Educação Física nas escolas.

A noção de método, estratégias, estilos e habilidades são muito eficazes em promover modelos de ensino específicos, pontuais e assertivos para a área da Educação Física (METZLER, 2011). Portanto, o livro tem como contribuição aglutinar um número expressivo de modelos que apareceram de modo esporádico em diversos livros e revistas científicas da área, permitindo com que professores de vários locais do mundo possam aprender sobre os modelos de instrução, selecionar os mais adequados para sua realidade e praticá-los em situações reais de ensino e aprendizagem. Cada modelo estabelece seus próprios padrões de tomada de decisão, gestão da sala de aula e responsabilidades tanto para os professores quanto para os alunos. A apresentação de uma série de exemplos práticos sobre como implementar os diferentes modelos em situações reais de ensino, com sugestões de adaptações e propostas de atividades enriquece o livro e permite que tais modelos possam ser efetivamente desenvolvidos durante as aulas de Educação Física.

Dessa forma, a integração de diferentes propostas pedagógicas em práticas baseadas em modelos tem como principal contribuição apresentar proposições reais de desenvolvimento das aulas de Educação Física, coadunando com as aspirações dos estudos e pesquisas que buscaram reforçar

a necessidade de reformas curriculares para a área (CASEY, 2012; HAERENS et al., 2011; KIRK, 2010). Isso faz com que tais modelos se tornem uma alternativa importante frente a perspectiva tradicional de ensino por conteúdos de forma que a mesma aula é ensinada irrestritamente para qualquer idade, ou então é baseada em um modelo técnico e instrumental de ensino de apenas um conteúdo, como o esporte, por exemplo.

Os modelos de instrução: propostas para a prática pedagógica

A segunda parte do livro, por sua vez, apresenta um caráter mais propositivo na medida que analisa especificamente oito modelos de instrução para a Educação Física. Metzler (2011) salienta duas questões importantes: 1) cada modelo é designado para promover certos tipos de resultados de aprendizagem de modo que se um professor queira que seus alunos se tornem realmente

envolvidos com a Educação Física, será necessário utilizar mais de um modelo em seu programa; 2) a eficiência de um modelo depende fortemente do professor utilizá-lo da forma como ele foi elaborado. Se o modelo não for implementado de acordo com seu delineamento, ele não vai viabilizar todos seus resultados.

A partir dessas premissas são apresentados os 8 modelos que compõem a segunda parte do livro. São eles: instrução diretiva (*direct instruction*), sistema de instrução personalizada (*personalized system for instruction*), aprendizagem cooperativa (*cooperative learning*), educação esportiva (*sport education*), co-educação (*peer teaching*), aprendizagem por meio de problemas (*inquiry learning*), aprendizagem tática dos jogos (*tactical games*) e ensinando responsabilidade pessoal e social (*teaching personal and social responsibility*). Para efeito didático e de síntese, elaborou-se um quadro com os principais pressupostos de cada um dos modelos.

Quadro 1 – Síntese dos principais pressupostos dos modelos de instrução apresentados por Metzler (2011).

Modelo	Princípios	Objetivos	Características	Principais referências
<p>Direct instruction</p>	<p>Professor como o líder das instruções.</p> <p>O professor é o responsável por fazer e implementar todos os conteúdos, tarefas, instruções, tomadas de decisão, e gestão das unidades didáticas. Também denominado como “instrução explícita”, “ensino ativo” ou “instrução centrada no professor”.</p>	<p>Desenvolver programas com adequada quantidade de tempo destinado para a vivência prática das tarefas e habilidades selecionadas pelo professor;</p> <p>Permitir que os professores possam acompanhar o desenvolvimento dos alunos por meio de <i>feedback</i> constante;</p> <p>Garantir um nível adequado de prática dentro das especificidades de cada tarefa a partir das individualidades de cada aluno, tendo como marco padrões preestabelecidos;</p> <p>Valorizar a aprendizagem motora como central ao processo de ensino e aprendizagem, buscando também desenvolver o domínio cognitivo a ela subjacente;</p> <p>Desenvolver a prática de procedimentos didáticos organizados e estruturados durante as aulas.</p>	<p>O professor controla as decisões e direciona os padrões que levem à aprendizagem dos alunos. Aos docentes é destinado estabelecer o conjunto de objetivos de aprendizagem pretendidos, apresentando aos alunos as estruturas dos movimentos desejados, bem como as habilidades e conceitos, organizando as atividades de aprendizagem dos alunos em blocos de tempo, favorecendo o <i>feedback</i> e permitindo aos aprendizes praticarem cada tarefa e habilidade de forma eficaz. Os alunos apresentam poucas decisões a serem feitas, devendo seguir as direções apresentadas pelos professores, além de responderem às perguntas que auxiliam na condução da aprendizagem. O ponto central desse modelo é oferecer aos alunos o maior número possível de repetições das tarefas e habilidades de forma que os professores observem os alunos e ofereçam o <i>feedback</i> adequado. Para isso é seguida a seguinte estrutura: revisão do que foi aprendido anteriormente; apresentação de novas tarefas; prática inicial dos alunos; <i>feedbacks</i> e correções; prática independente; revisões periódicas dos conteúdos aprendidos.</p>	<p>B. Rosenshine; J. F. Baumann; G. Morine-Dersheimer.</p>

Modelo	Princípios	Objetivos	Características	Principais referências
<p>Personalized System for Instruction</p>	<p>Os alunos progredem tão rápido quanto eles podem ou tão devagar quanto eles precisem. Esse modelo propicia ao aluno completar um conjunto de instrução que incluem a gestão da informação, apresentação das tarefas e suas estruturas de funcionamento, atividades de aprendizagem com critérios de desempenho e formas de avaliação.</p>	<p>Individualizar o ensino para as especificidades de cada aluno. Os alunos devem progredir de acordo com o seu próprio desenvolvimento por meio de seqüências prescritas de tarefas de aprendizagem.</p> <p>Prioriza-se a aprendizagem psicomotora em um primeiro momento, embora há um reconhecimento da importância dos aspectos cognitivos (como segunda prioridade) e afetivos (terceira prioridade do modelo).</p>	<p>Não é o professor que ensina, mas os próprios alunos que buscam aprender por meio de pesquisas, estudos, leituras e vídeos. O professor apresenta características de facilitador do processo, interagindo mais com os alunos na esfera afetiva e comportamental. Quando um aluno atinge os objetivos das tarefas de aprendizagem ele progride individualmente para o próximo nível, sem depender do professor. As tarefas são prescritas, ou seja, baseiam-se em seqüências pré-estabelecidas.</p>	<p>Fred Keller; J. D. Sherman.</p>
<p>Cooperative learning</p>	<p>Os alunos aprendem com, para e pelos outros. É valorizado a interação e o trabalho em grupo como centrais para o processo de aprendizagem.</p>	<p>Desenvolvimento do trabalho em grupo; Manutenção das interações grupais; Interdependência entre os membros dos grupos; Desenvolvimento de habilidades sociais, com ênfase na autoestima; Desenvolvimento de responsabilidade social entre os alunos; Fortalecer o processo de tomada de decisão.</p>	<p>Alunos fazem parte de times de aprendizagem no qual todos contribuirão uns com os outros para a resolução das tarefas propostas pelo professor. Todos os alunos apresentam características específicas dentro dos times. Os times (entre 4 e 6 alunos) devem apresentar níveis de habilidade diversificados e serem equilibrados entre si. O professor é um facilitador/mediador do processo de aprendizagem.</p>	<p>Robert Slavin; Eileen Hilke.</p>

Modelo	Princípios	Objetivos	Características	Principais referências
Sport Education	<p>Aprender a ser um esportista competente, “alfabetizado” e entusiasmado. Para isso, é necessário ressignificar diversos aspectos, tais como as competições esportivas, a participação de todos, o papel ativo dos alunos, a criação de regras e adaptação dos esportes para cada contexto e as responsabilidades do professor frente a mediação dos conteúdos esportivos durante cada programa.</p>	<p>Desenvolver habilidades e condicionamento de esportes em específico; Apreçar e executar estratégias táticas nos esportes; Compartilhar todas as esferas ligadas ao esporte (praticante, árbitro, organizador, etc.); Trabalhar coletivamente o senso de união de grupo; Desenvolver a capacidade de tomar decisões sobre os esportes; Decidir voluntariamente como se envolver com o esporte fora da escola.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) Organização estrutural em temporadas (mínimo de 20 aulas); 2) Filiação: alunos permanecem nos mesmos times; 3) Competição formal: calendário permite assumir diferentes papéis ao longo das aulas; 4) Evento final que culmina em um momento de encerramento; 5) Marcação de recordes que buscam incentivar os alunos; 6) Festividades: cada evento é um momento de celebração única. 	<p>Daryl Siedentop; Peter Hastie; Hans Van Der Mars.</p>
Peer teaching	<p>Eu te ensino, e aí você também me ensina. A hierarquização do ensino é alterada por meio de formas mais pareadas de desenvolvimento da aprendizagem a partir dos papéis assumidos pelos próprios alunos como tutores de seus pares.</p>	<p>Propiciar trocas de aprendizagens mais efetivas entre os alunos; Permitir que os alunos assumam a responsabilidade pelo ensino; Possibilitar que haja um acompanhamento mais sistemático nas tarefas uma vez que haverá sempre mais de uma pessoa na função de ensinar; Intensificar as possibilidades de aprendizagem motora e cognitiva; Desenvolver o respeito na interação entre alunos, tutores e professor durante as instruções e programas de aprendizagem.</p>	<p>Apresenta uma série de estratégias na qual os alunos ensinam uns aos outros a partir do papel de tutor. Para isso, é preciso que o professor elabore um plano adequado que possibilite a interação entre os estudantes. Os alunos assumem a responsabilidade explícita ao ensinar tarefas específicas. Para sua efetivação eles podem ser divididos em pequenos ou grandes grupos, duplas ou mesmo individualmente. É importante que o professor tenha um papel ativo na mediação da aprendizagem, fomentando os momentos de trocas de aprendizagem. O professor é o maior responsável pela aprendizagem, mas conta com a contribuição dos alunos em tarefas pontuais.</p>	<p>S. Wagner; Muska Mosston; S. Ashworth.</p>

Modelo	Princípios	Objetivos	Características	Principais referências
<p>Inquiry Teaching</p>	<p>O aprendiz como um solucionador de problemas. Esse modelo é fundamentado na aprendizagem baseada em problemas (<i>problem based learning</i>).</p>	<p>Relacionar a aprendizagem como uma busca individual que apresenta significado ao aluno;</p> <p>Construir novos conhecimentos a partir do que os alunos já conhecem, os instigando a ampliarem suas compreensões;</p> <p>Uma vez que aprender é essencialmente um processo de resolução de problemas, é preciso desenvolver o processo criativo de buscar soluções frente aos problemas estabelecidos;</p> <p>Desenvolver o domínio cognitivo alinhado com a complexidade das tarefas a serem resolvidas de acordo com o nível de habilidade dos alunos.</p>	<p>Congrega uma série de metodologias baseadas na resolução de problemas que levem à aprendizagem (ensino centrado no aluno, solução de problemas, ensino exploratório, descoberta guiada). Ao invés do professor mostrar aos estudantes como se faz determinada instrução, ele utiliza-se de questionamentos para direcionar o engajamento dos estudantes rumo a aprendizagem tanto dos domínios cognitivos quanto psicomotores. Perguntas norteadoras são realizadas tendo em vista propiciar a reflexão dos alunos, bem como levar à aprendizagem. Há uma valorização do domínio cognitivo como central nesse processo de refletir a partir de perguntas em caráter de problemas de aprendizagem. O professor assume o papel de “fazedor de perguntas” enquanto que os alunos são compreendidos como “solucionadores de problemas”.</p>	<p>J. S. Bruner; D. P. Ausubel; G. Graham.</p>

Modelo	Princípios	Objetivos	Características	Principais referências
<p>Tactical Games</p>	<p>Ensinando os jogos coletivos por meio da compreensão tática. Valoriza a dimensão e complexidade do jogo como elemento central dos programas curriculares, em detrimento da forma tradicional de se ensinar somente as habilidades motoras das modalidades esportivas.</p>	<p>Partir do interesse dos alunos em praticar os jogos esportivos ao invés de somente repetir as técnicas relacionadas às modalidades; Desenvolver compreensões táticas sobre os jogos que culminem em uma maior apropriação e entendimento dos jogos esportivos coletivos; Ampliar a gama de possibilidades relacionadas à prática do esporte nas aulas de Educação Física; Valorizar o desenvolvimento da inteligência de jogo, a partir do entendimento tático; Possibilitar o desenvolvimento da autonomia dos alunos no processo de prática dos jogos esportivos.</p>	<p>Apropria-se do interesse usual dos alunos em praticar os jogos esportivos, valorizando o desenvolvimento da dimensão tática. Para isso, os professores organizam uma progressão de tarefas centradas em formas reduzidas e adaptadas de se jogar um determinado esporte coletivo, aumentando a complexidade a partir da ampliação do entendimento tático dos alunos. Posteriormente, os alunos apresentam uma compreensão muito maior do jogo formalizado, facilitando o entendimento deles, bem como estimulando o aprendizado, em detrimento da repetição mecânica e sistemática de padrões de movimentos relacionados às modalidades aprendidas. Partem-se de seis princípios, iniciando no jogo e em sua apreciação, passando pela consciência tática, chegando ao mecanismo de tomada de decisão e culminando na execução das habilidades e no desempenho geral dentro do jogo.</p>	<p>David Bunker; Rod Thorpe; Len Almond.</p>

Modelo	Princípios	Objetivos	Características	Principais referências
<p>Teaching Personal and Social Responsibility</p>	<p>Integração, transferência, empoderamento e as relações entre professor e alunos.</p> <p>Busca ampliar o processo de instrução para além dos aspectos cognitivos, centrando o ensino nos valores pessoais e sociais relacionadas às atividades corporais.</p> <p>Não deve ser usado apenas para “remediar” problemas de comportamento dos alunos e sim buscar desenvolver os valores nos programas de instrução, que devem ir muito além de se ensinar apenas o que se relaciona com as “bolas e os bastões” nas atividades físicas.</p>	<p>Aprender a reconhecer, aceitar e atuar nas responsabilidades pessoais nas ações relacionadas às atividades físicas vivenciadas durante as aulas;</p> <p>Valorizar a dimensão dos valores, com especial atenção aos relacionados à responsabilidade pessoal e social durante os programas de ensino de Educação Física;</p> <p>Propiciar o processo de interação entre professor e aluno a partir de um ambiente assertivo que colabore com o desenvolvimento da aprendizagem;</p> <p>Relacionar as tarefas e habilidades à aquisição de responsabilidade pelos atos realizados a partir do processo de tomada de consciência e reflexão sobre as ações dos alunos;</p> <p>Possibilitar que os alunos protagonizem seus papéis a partir do desenvolvimento da responsabilidade por suas ações, bem como suas implicações fora das aulas de Educação Física.</p>	<p>Diversos conteúdos ensinados nas aulas de Educação Física oferecem aos estudantes muitas oportunidades de praticar e aprender como adquirir responsabilidade consigo mesmo e para com os outros.</p> <p>A questão central desse modelo é compreender que senso de responsabilidade e atividade física não são resultados separados de aprendizagem e devem ser perseguidos e atingidos ao mesmo tempo.</p> <p>O modelo busca desenvolver a integração entre as atividades físicas e as responsabilidades pessoais e sociais, além de buscar a transferência das responsabilidades aprendidas nas aulas para a vida cotidiana. Além disso, busca-se o empoderamento dos alunos para que eles entendam seu papel ativo nas decisões de sua vida, não sendo considerados como “vítimas”, mas como sujeitos ativos e responsáveis pelos seus atos. Finalmente, o modelo valoriza, acima de tudo, a relação entre professor e aluno que deve ser baseada na experiência, honestidade, confiança e comunicação. Isso requer tempo, mas quando estabelecido permite um desenvolvimento de mão dupla rumo a um processo de interação que leve à aprendizagem.</p>	<p>Don Hellison.</p>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A configuração dos modelos de instrução não possui a intenção de ser uma oposição ao que se compreende como currículo na área da Educação Física. Pelo contrário, pois busca apresentar uma forma mais didática de se articular as intenções pedagógicas a partir de modelos com implicações diretas na prática profissional dos professores. Alguns desses modelos, por sua vez, apresentam orientações bastante difundidas na literatura, como o *“sport education”*. Por outro lado, reunir diferentes propostas de instrução é enriquecedor uma vez que possibilita diversificar as interações pedagógicas relacionadas à Educação Física trazendo uma gama maior de subsídios curriculares aos professores.

No contexto brasileiro, temos visto nos últimos anos no âmbito acadêmico, por um lado, uma crítica cada vez mais veemente às formas de ensino centradas no professor ou baseadas em uma quantidade muito limitada de manifestações corporais. Por outro lado, apesar de inúmeras proposições teóricas vinculadas à área, bem como documentos oficiais (sejam de ordem municipal, estadual ou federal) que buscam oferecer sustentação às práticas profissionais, a concepção predominante é ainda centrada em modalidades, ou conjunto de práticas corporais, tais como se tem denominado as manifestações pertencentes à esfera da cultura corporal de movimento, a exemplo dos jogos, das lutas, dos esportes, das danças, das ginásticas, das atividades de aventura, das práticas corporais alternativas, das atividades circenses, entre outras.

No entanto, tais manifestações corporais, amplamente difundidas pela esfera acadêmica, apesar de nem sempre

serem predominantemente empregadas nas aulas de Educação Física nas escolas, não costumam apresentar estruturas funcionais com propósitos claramente delimitados, tais como se faz presente nas instruções baseadas em modelos. Desse modo, consideramos um avanço aliar às diferentes concepções dos modelos de instrução com as mais diversas manifestações da cultura corporal de movimento, de forma a propiciar novas possibilidades de instrução presentes na prática pedagógica da Educação Física escolar brasileira. Todavia, reconhecemos os diversos desafios que esse intento propicia uma vez que, como vimos anteriormente, cada modelo de instrução exige um conhecimento aprofundado de sua estrutura e funcionamento para que sua prática seja efetivada com sucesso.

Como uma crítica aos modelos de instrução apresentados pelo livro, podemos salientar que eles são centrados muito em modalidades esportivas, sobretudo as coletivas, de forma que uma ampliação para as demais práticas corporais pode agregar novas potencialidades pedagógicas às perspectivas educacionais preconizadas pelas instruções baseadas em modelos.

Uma série de questões podem emergir à medida que novas propostas de desenvolvimento da prática pedagógica são apresentadas pela literatura científica. O principal apontamento a ser destacado é até que ponto a formação profissional – especialmente voltada à formação de professores – no campo da Educação Física apresenta condições efetivas de desenvolvimento dos modelos preconizados por Metzler (2011). Dentro das condições em que se opera concretamente na prática pedagógica nas escolas brasileiras, é preciso haver algumas alterações na forma de se compreender

o componente Educação Física para que essas proposições possam ser de fato disseminadas. A própria área da formação profissional e o âmbito acadêmico, com destaque para as universidades, precisa começar a se apropriar de forma mais significativa do ensino desses e de outros modelos, bem como da lógica pedagógica e formativa estabelecida pelas instruções baseadas em modelos. Ainda mais importante está a necessidade de um redimensionamento da compreensão de ensino baseado na prática e em modelos que não são “camisas de força”, mas estruturas criadas com fins específicos e delimitados. Esse fato se reflete na lacuna de estudos desse tipo no Brasil até o presente momento, bem como na baixa vinculação desses modelos pelos cursos superiores e, conseqüentemente, ao longo da prática pedagógica nas escolas.

É importante frisar ainda que as propostas dos modelos de instrução do tipo “prática baseada em modelos”, como preconizado pelo livro não são uma unanimidade na área uma vez que devido à própria característica recente na implementação efetiva de tais modelos, eles precisam ser implementados de forma mais abrangente e em uma diversidade de contextos para que se possa ter uma compreensão mais apurada de suas potencialidades e limitações. Casey (2012), por exemplo, afirma que tais modelos não são nem a “grande esperança” da área e nem um “elefante branco” e precisam ser devidamente utilizados de forma mais veemente no trabalho pedagógico dos professores de Educação Física.

Destaca-se ainda que Metzler (2011) deixa em aberto a possibilidade de criação de novos modelos de instrução. Dessa forma, para além de se apenas

importar diferentes orientações para o desenvolvimento curricular brasileiro, sugere-se que os professores e pesquisadores das áreas da Educação Física e Ciências do Esporte possam se apropriar de tais modelos, bem como desenvolver outros, os quais devem estar articulados com os objetivos subjacentes a esse componente curricular no Brasil, contribuindo com formas mais assertivas e inovadoras de instrução que possam viabilizar possibilidades concretas de se atingir resultados de aprendizagem efetivos durante as aulas.

REFERÊNCIAS

- CASEY, A. Models-based practice: great white hope or white elephant? **Physical Education and Sport Pedagogy**, Londres, v. 00, n. 0, p. 1-17, 2012.
- HAERENS, L.; KIRK, D.; CARDON, G.; BOURDEAUDHUIJ, I. D. Toward the Development of a Pedagogical Model for Health-Based Physical Education. **Quest**, Champaign, v. 63, n. 1, p. 321-338, 2011.
- HASTIE, P.; CASEY, A. Fidelity in Models-Based Practice Research in Sport Pedagogy: A Guide for Future Investigations. **Journal of Teaching in Physical Education**, Champaign, v. 33, p. 422-431, 2014.
- KIRK, D. **Physical Education Futures**. Londres: Routledge, 2010.
- METZLER, M. W. **Instructional models for Physical Education**. Third edition. Scottsdale: Holcomb Hathaway, 2011.
- MOSSTON, M. **Teaching Physical Education**. Columbus: Merrill, 1966.

NEW CURRICULUM MODELS FOR BRAZILIAN PHYSICAL EDUCATION: “Instructional Models for Physical Education – 3th Edition” Book Review

ABSTRACT

This review aims to present and analyze the 3th edition of the book *Instrucional Models for Physical Education*, to brazilian academic literature in Physical Education field. The text analyzed brings as contribution to present some instructional models that have been widely disseminated in international research and intervention context. We also seek to comprehend possible implications of those propositions to national context.

Keywords: Physical Education and Training; Educational Models; Curriculum; Comment; Teaching

NUEVOS MODELOS DE CURRICULUM DE LA EDUCACIÓN FÍSICA DE BRASIL: Revisión Literaria del libro: “Instructional Models for Physical Education – 3^o Edición”

RESUMÉN

Esta revisión tuvo como objetivo presentar y analizar la 3^o edición del libro *“Instructional Models for Physical Education”*, para la literatura académica brasileña en el campo de la Educación Física. El texto analizado aporta una contribución introducir los modelos de enseñanza que han sido ampliamente difundidos en la investigación y la intervención internacional. También tratamos de comprender las posibles implicaciones de esas proposiciones al contexto nacional.

Palabras clave: Educación y Entrenamiento Físico; Modelos Educativos; Curriculum; Comentario; Enseñanza

Recebido em: outubro/2015

Aprovado em: março 2016